



O “LUGAR” DA AFETIVIDADE NA SALA DE AULA: LEITURAS E CONTRIBUIÇÕES DO IMAGINÁRIO NA “VOZ” DOS ALUNOS.

NEUMANN, Márcia Knabah¹; PERES, Lúcia Maria Vaz²

Programa de pós-graduação em Educação – FAE/UFPEL

¹ márcia.kn@bol.com.br

² lvperes@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo está relacionado ao meu projeto de Mestrado, o qual está sendo construído no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal de Pelotas.

Ao vivenciar a realidade escolar e perceber os alunos como meninos e meninas que vivenciam um novo paradigma, imersos em tecnologias “loucos por botões”, acostumados a realizar várias atividades ao mesmo tempo, estando “on line” em todos os sentidos, frente a uma escola que, ainda exige que permaneçam sentados durante horas, ouvindo o professor, que muitas vezes apenas transmite conhecimentos, num espaço físico desconfortável, com recursos que se resumem na maioria das vezes ao quadro, giz e livro didático... E o desassossego frente às frequentes queixas dos educadores acerca das manifestações da apatia dos adolescentes em sala de aula e a realidade que encontro, enquanto professora destes mesmos meninos e meninas busco refletir sobre uma dimensão diferente da escola, de relacionamento professor (a) aluno (a)...

Partindo da compreensão de que professores e alunos são elementos de um mesmo processo, ambos juntos dando sentido a tal, busco pensar a escola como lugar que tem sua história tecida através de marcas que seus sujeitos imprimem nela cotidianamente. Com isso, a pesquisa tem o objetivo de aprofundar os estudos acerca da questão do relacionamento professor-aluno, focalizando a questão da afetividade em sala de aula.

Com base na “voz” dos alunos, o enfoque dos estudos e da pesquisa estará centralizado em como eles expressam suas vivências escolares, quais as diferentes representações que os alunos atribuem aos seus professores, quando se referem à presença do professor (a) afetivo (a) ou não e o processo de aprendizagem, investigando questionamentos como: O fortalecimento das relações afetivas entre professor (a) e aluno (a) contribui para o melhor rendimento escolar? Como os alunos percebem um professor cuja autoridade é harmonizada pelo afeto? De que

forma pode-se relacionar a afetividade no contexto de sala de aula para que contribua com o processo de aprendizagem, motivação para estar na escola?

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como os objetivos da pesquisa estão relacionados com a representação dos alunos sobre afetividade nas relações professor-aluno e o cotidiano da sala de aula, ou seja, investigar elementos relativos à subjetividade dos alunos, a metodologia utilizada além da pesquisa bibliográfica que segundo Carvalho (1987, p.110) “é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informações escritas, para coletas de dados gerais e específicos a respeito de determinado tema” será a de abordagem qualitativa.

Para este estudo, num primeiro momento, os dados serão coletados a partir de provas projetivas que segundo Postic (1993, p.51) “parecem mais adequadas ao tipo de investigação” levando-se em consideração a idade dos entrevistados (alunos entre 10 e 12 anos).

Num segundo momento, pretendo trabalhar com narrativas construídas pelos alunos a partir das provas projetivas. As narrativas, segundo Josso (2004, p.265) são “portas de acesso às dimensões do sensível, da afetividade e do imaginário” e prova das Alegorias Animais, “com o objetivo de detectar os elementos que, no imaginário do aluno vive a situação educativa, filtram e orientam, por sua ação simbólica, sejam as percepções, sejam as ações, isto é, seu modo de adaptação ao ambiente escolar” (POSTIC, 1993, p.59).

Os sujeitos da pesquisa serão alunos de Ensino fundamental de uma escola Pública do município de Pelotas (RS).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebendo as relações estabelecidas no cotidiano da sala de aula, da escola, como professora, lançando um “olhar mais atento” aos meus alunos, observo o espaço escolar que pouco mudou em relação ao tempo da minha adolescência, dou-me conta que o diferente está nas relações, pois, apesar das facilidades de acesso a novas tecnologias, dos contatos virtuais, recebemos alunos solitários, inquietos, muitas vezes tristes, aparentemente autônomos, superficialmente independentes, dando sinais de que a escola precisa encontrar espaço para humanizar o conhecimento, que a produção de qualidade de vida não pode ficar perdido na árdua tarefa de educar.

O referencial teórico estudado está relacionado às leituras sobre o imaginário e as discussões, até o momento, em virtude de ser projeto de dissertação estão ocorrendo no âmbito do grupo de Pesquisa GEPIEM (Estudos e pesquisas sobre Imaginário, educação e Memória).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, A. de S. **Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

PERES, Lúcia Maria Vaz. **Significando o “não-aprender”**. Pelotas: Educat, 1996

POSTIC, Marcel, **O imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: 2ª edição, Sulina, 2006.